

Arthur Soffiati

TODAVIA

Poemas



Campos dos Goytacazes, RJ


Essentia
EDITORA

2014

© Arthur Soffiati, 2014

Todos os direitos reservados. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na internet ou outros), sem a autorização, por escrito, da Essentia Editora.

Ilustração da capa
Genilson Paes Soares

Capa, projeto gráfico e diagramação
Cláudia Marcia Alves Ferreira

Tiragem
200 exemplares

Impressão
Grafbel - Gráfica e Editora Eugênio Ltda.
(22) 2722 5462

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Centro de Referência - IFFluminense - Reitoria

S681t Soffiati, Arthur, 1947-
 Todavía: poemas / Arthur Soffiati. Campos dos Goytacazes, RJ:
Essentia Editora, 2014.

87 p.

ISBN 978-85-99968-42-0

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.1

Essentia Editora
Rua Dr. Siqueira, 273 - Anexo do Bloco A - 2º andar
Parque Dom Bosco - Campos dos Goytacazes/RJ
CEP 28030-130 | Tel.: (22) 2726-2882 | fax (22) 2733-3079
www.essentiaeditora.iff.edu.br | essentia@iff.edu.br

À memória de Amaro Prata Tavares

ADVERTÊNCIA

Adverte-se que os poemas integrantes deste livro foram escritos entre 1976 e 2013, sob clima de experimentalismo e diversas influências. Portanto, não espere o leitor encontrar unidade neles. Muito menos qualidade literária. Se galgam um livro e ocupam suas páginas é porque o autor pretende um ajuste de contas com o passado e quer se livrar do fantasma que eles representam em sua vida. Esclareça-se que o único poema publicado é *Só neto*, em *Antologia Poética*, volume 2 (Niterói: EDUFF, 1996). Os outros são inéditos.

O poeta é o mais impoético de tudo o que existe, porque não tem identidade: continuamente adentra e enche outro corpo. O sol, a lua, o mar e os homens e mulheres, que são criaturas de impulso, são poéticos e têm um atributo imutável; o poeta não tem nenhum, nenhuma identidade. É certamente a mais impoética de todas as criaturas de Deus.

John Keats. Carta a Woodhouse, 27/10/1818.

SUMÁRIO

Epígrafe	11
A uma semente (1991)	12
O guerreiro conquistador	14
A quem interessar possa (1996)	16
Desejo feroz	18
Solidão letal I (1998)	20
Réquiem a um manguezal esquálido	22
A frivolidade da minha poesia	24
Fármacos	26
O fim do poeta	28
Me deixa quieto	30
Desencontros	32
Domingo	34
Nem fiado nem à vista	36
Lagos (1999)	38
O mistério do tempo (1976)	41
Grafiti	42
Nos confins do Universo	43
O mistério do nome (1991)	44
Enfermeira estremada	45
Angiosperma na velhice	46
Só, neto (1991)	47
Dois mulheres (1996)	48
Descrescer	49
Jano I (1997)	50
Jano II (2011)	51
A gata perfeita	52
O sutil e o grave (1997)	53

Gabriel	54
Na mesa e no mar (1998)	55
Exercício fútil (1998)	56
Solidão letal II (1998)	57
Arte sofrida (1999)	58
Mordência	59
Torto recurvo (2003)	60
Gênese do poema	61
Cicatriz	62
Lado errado	63
Complexo do Alemão	64
Melancolia	65
O fim de cada um (2012)	66
Toada do gago	67
O sonho dos peixes	68
Fotografia	69
Correndo atrás do rabo	70
Entre	71
Parada tática	72
Salto no escuro	73
Lenga-lenga	74
Plágio (2013)	75
Falta de assunto	76
Pisando leve	77
O novo fingimento (2013)	78
Extravio	79
A poesia já era	80
Álea	81
Meu todo criança	82
No tempo da bicicleta	83
Melhor nada dizer	84
O mistério do tempo (bis)	85
17 anos	86
Soneto terminal	87

EPÍGRAFE

Poesia tépida
este livro contém,
de leitura lépida
e frívola também.

A UMA SEMENTE

Lâmpada mágica
de Aladim,
meu impulso
é te esfregar
trêfego a fim
de que te abras
e mostres para mim
o segredo que ocultas.
Como será o teu gênio,
ó tu, que há milênios
reproduzes o mesmo tema
e escondes (como é possível?)
em recipiente tão pequeno
talvez grosso e longo tronco,
talvez latifólias,
talvez grandes sépalas e corolas,
talvez carnudos frutos
e certamente
sementes
idênticas a ti

que repetirão a história
Deus sabe por quanto tempo mais?
Sequioso, de terra te cubro
e aguardo a tua fala.

O GUERREIRO CONQUISTADOR

Ó, valeroso guerreiro!
Mais nobre que a cruz elevada
é o fio afiado de tua espada.
Não deixes teu possante braço
vacilar e massacra sem dó teu inimigo.
Dele conquista o precioso reino
e subjuga os súditos,
fazendo-os rogar clemência
e enchendo-lhes o coração de temor.
De Fernando e Isabel de Espanha,
lembra sempre, sem jamais
esquecer igualmente Carlos VIII e Henrique VII.
Que seria de Atenas se o tesouro de Delos
não fosse saqueado?
Onde os templos, os palácios,
o esplendor da arte?
E de Roma, que seria ela
Sem César e Augusto?
Lembra-te sempre ao pousar
os vigorosos pés no palácio

da tua grande missão.

Mais sublime que pelo poder

a tua ambição é a grandeza

do reino, mais de si que de ti.

A QUEM INTERESSAR POSSA

Querer amar sem correr riscos
equivale a navegar
sem possibilidade de naufrágio.

Querer amar sem sofrer
é como parir natural sorrindo.

Querer amar sem hipótese de dor
vale dizer corte sem sangue.

Querer amar com garantias
de felicidade inabalável, de inteiro teor,
corresponde certeza de jamais envelhecer.
Não é amor.

Querer amar como dono
do amador
é desejar escravo,
é se almejar senhor.

Querer amar com garantias de eternidade
é pretender-se imortal,
é ser dono da verdade.

DESEJO FERROZ

Com avidez,
sua boca voraz
engoliu a minha.

Seus dentes afiados
morderam meus lábios
com dor e prazer.

Sua língua veloz
mergulhou em minha garganta,
explorando céu da boca e gengivas.

Seu desejo algoz
castigou meu corpo
com sucções e mordidas.

Sua fome feroz
excitou minha virilidade
febril.

Ao meu ouvido, sua voz
quente iluminou minha
fantasia sutil.

E, como uma foz,
esta mulher nutriz
desaguou em meu ser,
ora timidez, ora paixão,
ora alegria, ora provocação
e me fez feliz.

SOLIDÃO LETAL I

A solidão não me é companheira
- nem boa nem má.
A solidão é como um gás sépia
que penetra sinistro pelas frestas
das portas e janelas
do meu quarto e me colhe de surpresa.
Lenta e implacavelmente
Ela invade o recinto
e o preenche.
Em vão tento fugir dela,
desta solidão gasosa
que vai descendo
até alcançar meu corpo.
Num esforço inútil,
deito-me ao chão
e colo o rosto nele,
mas sua marcha lenta prossegue.
Prendo a respiração até onde posso
enquanto ela, do lado de fora,
lambe meu corpo como o predador

preliba a presa.

Depois, fria, penetra minhas narinas

e vai envenenando devagar

meus pulmões, meu coração,

meu sangue, minha alma.

A solidão não é minha companheira

- nem boa nem má.

Ela é como um onipresente deus maligno.

RÉQUIEM A UM MANGUEZAL ESQUÁLIDO

À memória de Everaldo Queiroz

No manguezal
do Rio Passa Vaca,
não passa nem boi
nem passa boiada.

Por baixo da estrada,
não passa mais água,
não passa mais nada,
nem mesmo a mágoa
que invade a cidade
por meio dos ricos
que, sem caridade,
tornaram postigos
rios e mangues.
Roubaram a castidade
e sugaram o viço,
sugaram o sangue.

Lamento o mangue,
o pé de avicênia
já meio amarelo,
o magro propágulo
do mangue vermelho
e o mangue branco
beirando a morte.

Lastimo as águas
sempre tão paradas,
tão sujas e fétidas,
tão contaminadas.

A cidade voraz
devorou o mangue
que os soteropolitanos
não souberam proteger.

Sem menos nem mais,
sem dó nem piedade,
sem plano nenhum,
avançou Salvador
e pôs tudo a perder.

A FRIVOLIDADE DA MINHA POESIA

A vida se apaga
na próxima folha,
que a mão afaga,
revolve e molha.

São de leitura rápida
deste livro os poemas,
sem contra-capa
e sem orelha.

No mínimo espaço
em que habito,
só cabe um abraço,
mas hesito.

Neste campo mínimo,
meus poemas ínfimos
só gastam papel.

Um beijo exíguo
combina com o livro
e, como eu instigo,
assim eu consigo:
da dor eu me livro.

Em cada página,
um poema curto
sem riso e sem lágrima,
é como eu me curto.

FÁRMACOS

Aos meus médicos

Desde pequeno,
eu tomo remédio,
eu me enveneno
com muitas drogas
receitadas por médicos.
Tomei Salofeno
nem me lembro pra quê.
Tomei Melhoral e Cibalena
pra dor de cabeça.
Dimetilaminofenil-
dimetilpirazolona
foi o nome mais longo
que eu aprendi
na minha fase pueril.
Já ouvira falar em zona,
mas não em cortisona.
Ao tornar-me juvenil,
ingeri muitas drogas.
Não cigarro nem álcool.

Não maconha ou cocaína.
Nada de crack.
Só fiquei dependente
de ansiolíticos
e de antidepressivos.
Hoje, senil,
tomo Diovan
e Rivotril.
Guardei no armário
Viagra e Amytril.
Para a impotência,
Cialis diário.
Para depressão,
Valdoxan.

O FIM DO POETA

O poeta ainda se julga
o centro do universo.
Expressa narciso em seu poema,
crê verdade em tudo que promulga.
Seu sentimento e sua sensibilidade
convicto, expressa em verso.
Único ou mais importante
que de outros é seu tema,
o seu amor pelo outro, homem ou mulher.
Sua inspiração mais elevada,
venha ela de onde vier.
Ora, a poesia, ora, o poeta
não são o umbigo do mundo.
Não passam de Raimundo.
Quem faz poemas hoje não é mais profeta.
Só tem rima sem solução e a ninguém afeta.

Nada mais resta de legível no poema ao lado
Depois de traduzido para o espanhol
Italiano, francês, inglês, alemão
E novamente para o português.
Restou uma pasta de palavras incompreensíveis.

L'amende poète

Il poète weiter von DuCroire
il dell'universo Zentrum.
Narciso Espresso nella SUA poésie,
ritiene ausgeht affatto vero.
Il vostro senso e sensibilità
convinzione, Espresso na versão.
Più einzigartige UO wichtig
soggetto nicht altro il,
il suo amore per un altro UO uomo donna.
La sua più größte ispirazione,
wenn tratta ovunque.
Ora, poésie, Dunque, il poète
Nicht Ombelico del mondo sono
l'ono ma Raymond.
Chi fa oggi prophète Poesie.
Irrisolto Chiunque colpire Reim et seulement.

ME DEIXA QUIETO

Sou feliz por ter nascido homem.
Não sei se pela biologia
ou pela cultura,
ser homem é beleza pura.
Não preciso dizer
que sou homem,
proclamar que não tenho útero,
que não tenho ovário ou úbere.
Não preciso de óvulo ou mês-truo,
nem falo em meu falo.
Deixo quieto meu esperma.
Ele se esparrama
na hora certa,
livre a me afirmar como homem.
Por ser homem,
sou apenas humano
e passo o dia
a escrever poesia.
Sobretudo,
sobre tudo.

Sobre os dias e as noites
quando ama deu
leite furtado.
Enquanto passo os dias a guiar.

DESENCONTROS

Quando eu queria sexo,
elas queriam amor.
Tudo sem compromisso,
nada com dor.
Juravam por Deus
que elas queriam isso.

Mas se eu queria amor,
elas queriam sexo,
com ósculo e amplexo.
Não com muita certeza,
não com muito vigor.

As que queriam sexo,
no fundo, queriam amor.
Elas queriam muito,
eu nem tanto.
Nunca houve nexo
entre elas e mim.
Tudo era muito complexo

e nada chegava ao fim.

Eu queria o côncavo,

elas o convexo.

Eu queria Caetano,

Elas, Roberto Carlos.

Sempre entrei pelo cano.

Elas? Vão bem, obrigado.

DOMINGO

Para mim, domingo é
mais um lugar que um tempo.
É mais onde que quando.
Se ali ponho o pé,
quero ficar dormitando,
escondido do mundo.
Quero domingo parado,
sem antes nem depois,
sem raso nem fundo,
um lugar de refúgio
para não dar tudo errado,
um dia-lugar tão somente.

Mesmo que melancólico,
nele ninguém me encontra
ao vivo ou por telefone.
Desligo o computador,
desato todos os meios,
sem Orkut, Face ou e-mail,
nele fico quieto,

sem TV e sem twiter.

O as-netto

arroba uol ponto com

ponto br silencia.

NEM FIADO NEM À VISTA

Prepare-se para o pior:
os terroristas estão chegando.
Não sei onde nem quando.
Dizem que eles trazem muita dor.
Qualquer bomba, qualquer estrondo
é sinal de sua chegada.
Eles estão tomando conta do mundo.
Dizem que o ocidente
vive de blasfêmia
a Alá. Por isso,
detonaram as Torres Gêmeas.
Agora, querem se espalhar
por todos os lugares
para a tudo dar sumiço.
Mas, pensando bem,
você não tem nada com isso.
Não tem nada a temer
dos terroristas.
O terror já o devorou por dentro
e destruiu seu templo interior.

Como bom campista,
que ninguém o compre
nem fiado nem à vista.

LAGOS

Para Clarice Panitz

Por infindas sendas,
forma-se um lago;
haja concavidades e fendas
para o repouso das águas.
Seja em antigas crateras
ou em depressões meras
dispersas por qualquer parte da Terra.
Águas doces, salgadas, salobras
simplesmente depositadas
engendram algas, plantas
e toda a sorte de criaturas nadantes,
rastejantes, grudantes
que tecem uma estreita rede viva
a pulsar energia.
Lago: porção de água
cercada de terra por todos os lados.
Ilha líquida outrora habitada
por deuses, espíritos e animas;
hoje, a morada de estranhas entidades:

zona eufótica, zona afótica,
região litorânea, região pelágica.
O limné pulsa como um coração:
leito maior, leito menor,
sístole e diástole,
centro de concentração e distribuição
do sangue aquoso por artérias
que chegam e artérias que saem.
Lagos eutróficos, oligotróficos e distróficos.
Vastos lençóis de água chamados de mar.
O Cáspio, o Aral,
o Balkash, o Baikal.
Os pequeninos mares Morto e da Galiléia,
o Erie e o Ontario,
Titicaca, Tchad e Vitória.
O Bienne, de Rousseau,
e o Walden, de Thoreau.
A lagoa dos Patos, a lagoa Mirim,
Araruama e Feia,
a escura lagoa do Abaeté
e a claríssima lagoa da Conceição.
Lagos dantes belos e puros,
hoje insultados pelos humanos.
Lagos que ainda cintilam à luz do sol ou da lua.

Lagos cujas águas se encrespam ao vento
mas que lentamente agonizam
injetados de terra e de venenos.
Lagos de corpos retalhados
e membros amputados
que a ampulheta do tempo consome.
Lagos, lagoas, lagoas.
Pés de profundidade
que mãos humanas encurtam.
Lagos... sofridos e corajosos lagos,
sempre dispostos a renascer.

O MISTÉRIO DO TEMPO

Tendo sido folheado,
o tempo não volta mais.
Não parece com o rio,
que, correndo ou devagar,
acaba dentro do mar,
e é sugado pelo sol,
vira nuvem lá no céu
pra voltar ao seu lugar
em forma de água de chuva.

O tempo não é assim.
Dele só fica a lembrança
das coisas boas ou más,
do que é alegre ou triste.
Coisas que marcam o tempo
porque ele não existe.

GRAFITI

Solitário
no sanitário,
eu penso.
Mais que penso,
eu sinto
e busco assunto.
E com o cinto solto,
nesse momento,
mais que sinto,
eu sento.

NOS CONFINS DO UNIVERSO

Deus deve estar num Blue Star
Object pulsando sem cessar,
assentado num quasar
à borda do Universo
que, ao do centro se afastar,
caminha do vermelho
para o violeta.

Ele provocou - e ouviu-se -
o estrondo da grande explosão.
Deixa estar.

Ela formou a radiação de fundo,
do que conhecíamos no mundo,
num incomensurável
frio, frio, frio, vazio.
Vazio, vazio, vazio, frio.
Frio, solidão, solidão, vazio.
Só frio, solidão, vazio.
Vazio, vazio.
Só solidão,
cala frio.

O MISTÉRIO DO NOME

Palavra escolhida para nós
antes mesmo de nascermos
e que nos segue da aurora ao poente,
permanecendo, uma vez finda a vida,
per omnia saecula saeculorum.

Dos seres a derradeira partícula
a dissipar-se de nossa memória.
Poder concedido por Deus ao homem
para nominar as coisas do mundo.

Vocábulo invocado na magia
a fim de invadir a alma alheia.
Nome, que a Proust tanto fascinou
e a que Caetano Veloso deu cores.
Através dele nomeio a vida,
no esquecimento e na lembrança,
descobrimo o outro por inteiro.

ENFERMEIRA ESTREMADA

Enfermeira dedicada e atenta,
ela cuida do corpo de doentes
sem preferência de partes. Dos dentes
aos pés, aos dedos, às unhas, isenta.

Nesse momento, dedica-se aos pés
luxados ou quebrados dos pacientes.
Denodada, vai das manchas veementes
às fraturas expostas através

de recursos diversos e modernos,
sejam pés de homens ou de mulheres.
De ambos trata-os com terapia

apropriada, com cuidados ternos.
Domina com maestria seus saberes,
pois pratica sua arte todo dia.

ANGIOSPERMA NA VELHICE

Eis-me raízes, caule, folhas.

Flores em mim não mais restam,

talvez outono chegado.

Frutos maduros, passados.

Ainda existem sementes,

promessas de novas vidas.

Eis-me árvore adulta,

frondoso jequitibá

ou dura massaranduba.

Cabe amar-me tão somente?

Vale a pena o teu amor,

só pelo amor simplesmente,

pura alegria, sem dor,

sem angústia ou sofrimento?

Cabe a ti responder.

Da minha parte, eu te amo,

amo-te gratuitamente,

como se ama uma flor.

SÓ, NETO

Amar o inexistente
É um árduo exercício
Que exige tão somente
Mergulhar num precipício.

É preciso renunciar
A um amor de carne e osso
Para só se dedicar
À construção de um colosso.

Amar verdadeiramente
É amar o abstrato,
É querer nada e ninguém.

Apenas com um fito em mente,
É consigo só ter trato,
Sempre almejando ir além.

DUAS MULHERES

Sara é dura,
puro veneno.
Em vez de unguento,
Sara não cura.
Sara na liça
usa armadura
e, pontiaguda,
vira sarissa.

Lara é mansa.
Sofre calada,
nunca se cansa.
Amante e amada,
vira criança.
Perdida ou achada,
entra na dança.

DESCRESCER

Por isso, acho, as pessoas grandes
Não querem que as pessoas pequenas cresçam.
Elas querem as crianças sempre crianças
Para que sejam crianças,
Com pele macia, com naturalidade
Querendo ou não querendo
Só por querer ou não querer
Sem julgamento,
Sem valores morais
Gostando por gostar, nada mais,
O feio, o velho, o chato,
O pai, a mãe, o gato.
Tudo igual, como meu neto.
No fundo, querer que uma criança
Seja para sempre criança
É sentir saudade da gente.

JANO I

Sofro de um mal
estranho jamais
diagnosticado pelos médicos:
olho para o poente
e vejo a aurora.
Tenho um olhar
distante e de curva.
Foi assim que,
sem ser camaleão
nem usar espelhos,
olhei para frente
e enxerguei minhas costas;
olhei para o futuro
e vi o passado.

JANO II

Trasanteontem

Anteontem

Ontem

HOJE

Amanhã

Depois de amanhã

A GATA PERFEITA

Corina é meu modelo de perfeição.

Eu a vi atacando várias pessoas

Em defesa dos seus filhos

E fiquei admirado.

Hoje, já velha, ela passa horas

Em meditação profunda,

Em posição perfeita.

Tenho dela uma inveja salutar.

Sua sabedoria, sua serenidade

Sua beleza de gata siamesa.

O SUTIL E O GRAVE

O clarão da lua
é leve como a sombra.
Se fosse pesado,
afundaria ao tocar a água
e não haveria Debussy
e mais uma legião de poetas.
A música e a poesia só existem,
no que tange à lua e à água,
por uma cumplicidade das duas.

GABRIEL

O amor do meu neto por mim me fascina.
Acima de tudo, sua ternura e o abraço
Dele todo dado e entregado,
Não se importando se sou pai, mãe,
Avó, avô.
Ele apenas me ama sem notar
Se sou velho ou jovem.
Ele me abraça sem pensar,
Só sentindo como um pintinho
Que busca o calor da galinha.

NA MESA E NO MAR

Lancho e deslancho
quando bem entendo
porque posso fazer
tudo o que penso
com o lanche
ou com a lancha,
seja absorvê-lo
ao meu corpo,
seja fundi-la à água,
seja devolvê-lo ao mundo
pela via superior,
seja fazê-la deslizar,
seja deixar que ele
saia por baixo,
seja ancorá-la.

EXERCÍCIO FÚTIL

Transformou a taquara
da frecha numa frauta
e se pôs a solar
para angariar
fundos e pagar
os alugueres.
Mas quem o ouvia
estava alheio
enquanto ele, alhures,
em sua volta, nenhures,
cessou sua busca por algures.

SOLIDÃO LETAL II

Se não me mata o corpo,
a solidão deixa-o lasso,
exangue, inerte e inânime.
Imobiliza-o como um gás
paralisante e examina
minha alma langue
com frieza e astúcia,
presa imóvel e incapaz
de qualquer gesto de fuga.

ARTE SOFRIDA

Sofre Arte,
mas, como eu dizia,
desejaria agora amar-te
e partir para Marte.
Mas, embora nenhum
disco voador sobrevoe,
sofro com arte dor
a dor que me parte.

MORDÊNCIA

À memória de Lêdo Ivo

Mordo,
mastigo,
trituro,
engulo
o dia de hoje
para expeli-lo
amanhã
no rio mais próximo.
O dia flutua calmo
nas águas do rio.

TORTO RECURVO

Ao nascer, meus pais
Colocaram-me num caixote de madeira
Que não me deixou crescer normalmente.
Como a copa de uma árvore
penteada pelo vento,
meus cabelos alastraram-se achatados,
as unhas das mãos e dos pés
alongaram-se recurvas.
Decresci agachado
e escrevi meus poemas
nas tábuas.

GÊNESE DO POEMA

Ali, no buraco do silêncio;
ali, no buraco do nada
- que buraco não é por falta de paredes -;
ali, no buraco do vazio
sem bordas, sem teto e sem chão,
ali mora a poesia.
E ela sobe pelas não bordas,
pelas não paredes,
pelo não poço,
para tornar-se poema.

CICATRIZ

Até hoje, carrego o peso
de uma cicatriz
no dedão do pé esquerdo.
Tantos anos faz que Rebeco,
um cão hepático e irascível,
dormindo embaixo da cama,
abocanhou meu dedão íntegro.
Hoje, olho para ele e me lembro
daquele passado distante.
Era adolescência prosaica e poética.
Parecia um mundo medíocre,
mas hoje o vejo como sonho.

P.S. Rebeco morreu senil,
com crise de fígado.
Saudades, meu velho.

LADO ERRADO

Não importa de que lado
você esteja
porque seu lado
nunca é o certo,
é sempre o errado,
porque o errado é você,
não o lado;
porque você nunca é certo,
nem de longe nem de perto.
Você não é nada esperto.
Na verdade, você não é nada.

COMPLEXO DO ALEMÃO

Aqui é assim mesmo:
todo dia tem tiroteio.
As balas passam a esmo
tracejando o espaço.
Balas perdidas.
Sempre tenha receio.
São balas de aço
que caem falidas
ou acham alguém
e se alojam em seu corpo.
Mas isto não acontecerá com você,
pois existe a proteção da UPP.
Acontecendo, porém,
nós o levamos a uma UPA.
Para melhor se proteger,
pratique MMA
ou UFC,
mas defenda sua vida
de uma bala perdida.

MELANCOLIA

Havia da parte dele uma pena
das coisas abandonadas, perdidas,
que ficavam no quintal, esquecidas,
desde um grande objeto à coisa mais pequena.

O FIM DE CADA UM

“Chego ao fim do dia
com a sensação de que algo faltou”,
diz ela.

“Chego ao final da vida
com a sensação de que muitos algo faltaram”,
segundo eu.

TOADA DO GAGO

Controle sua gagueira,
mantenha-se calmo
para não dizer besteira.
Caminhe palmo a palmo,
vá pé ante pé.
Tome chá de rúcula
devagar, tenha fé.
Nunca pronuncie cu,
cu, cu, cuuuuuúpula
nem có, có, coooooópula.

O SONHO DOS PEIXES

Desde pequeno,
tenho pena dos peixes.
Acho que nosso mundo
nasceu do sonho deles,
no pouco que dormem.
Nunca sei quando estão acordados.
Por isso, meu anzol nunca teve isca.
Assim, enganei e decepcionei
meu pai, que me queria um bom pescador.

FOTOGRAFIA

Na velha fotografia,
esmaecida e desbotada,
todos posam circunspectos.

A matrona está de pé
ao lado do esposo sentado.

Os demais eretos.

A vida parece congelada.

Na foto, alguém sorri
discreto, de boca fechada.

Todos parecem eternos,
todos se julgam eternos.

Hoje, todos estão mortos.

Nem mesmo o ambiente
de fundo existe mais.

Nem sequer os nomes deles
conhecem seus descendentes.

CORRENDO ATRÁS DO RABO

Obsessão da esquerda:
fazer a crítica implacável
ao adversário, tornado inimigo.
Não admitir a perda
de tempo em criar um mundo impecável
enquanto o mundo real lhe é indiferente,
nem amigo nem inimigo.
Depois, consigo descontente,
fazer a autocrítica,
admitir que errou simplesmente,
de maneira deplorável,
que sua luta foi raquítica.
E com novo alento em mente
irromper com nova crítica.

ENTRE

Tenho termo de comparação
entre o bom e o ruim,
entre o bem e o mal.
Senti-me bem aos 16 anos,
nunca mais.
Daí em diante, meu corpo
e minha mente se separaram
e sentem-se mal.

PARADA TÁTICA

Fico por aqui.
Já fui longe demais.
Agora eu paro de vez
e deixo minha vida
seguir até onde puder.
Problema dela,
não estou nem aí.

SALTO NO ESCURO

Do trigésimo andar
do edifício, eu saltei.
Passo pelo vigésimo
e até aqui tudo bem.
Passei por dez andares
sempre dizendo “tudo bem”.
Passarei por mais dez
com o mesmo sorriso
e dizendo “tudo bem”.
Aproveito para sorrir
e ser alegre
enquanto não chega o chão
e o “tudo mal”.

LENGA-LENGA

Digo como se não soubesse
que alguém antes de mim já disse.

Na verdade não sei se o que digo
já foi dito por alguém.

Então, com inocência, digo.

Falo como se não houvesse
alguém antes de mim falado.

Não sei mesmo se alguém
falou o que falo.

Escrevo como se tivesse
algo de novo a escrever,
pois não sei se alguém
escreveu o que escrevo.

Tudo como se fosse
a primeira vez.

PLÁGIO

Eu queria um livro,
só saiu um opúsculo.
Eu queria a aurora,
mas ganhei um crepúsculo.

Eu queria a manhã:
só me veio a noite.
Eu queria uma fã,
mas me veio um açoite.

Eu queria o verão
e ganhei o inverno.
Queria o paraíso;
ganhei foi o inferno.

Não desejo mais nada,
só te olhar enquanto
a realidade é simples
e isto apenas,
esperando o tempo passar.

FALTA DE ASSUNTO

Este poema não diz nada.
Nele não há filosofia.
Apenas a forma é destacada.
As palavras são vazias:
nem métrica nem rima.
A palavra pura e cristalina
tudo sublima.
Tudo o que parece conteúdo
de nada vale.
Só vale o significante
sem qualquer significado,
nem sequer rima toante.
A simples palavra já é um achado.

PISANDO LEVE

Não faça escarcéu
da sua existência.
Você está vivo
assim como eu.

Mas tudo tem fim
e tudo se esquece.
Que mania esse
Seu ar de serafim...

Com pesar lhe digo:
ora, meu amigo,
nunca espere o melhor.
Ele nunca virá.
Espere o pior
e saia no lucro.
É de bom tamanho
Para quem vai morrer.

O NOVO FINGIMENTO

O amor por pessoas
foge reptício
da poesia,
do fim ao início.
O poeta não mais
anda devagar com o andor
porque o santo é de barro,
mas ainda coloca
diante dos bois o carro.
Ele continua fingidor:
finge que não ama ninguém,
apenas a palavra.
Aguenta o tranco e a dor
por fingir que só o poema
que sua arte lavra
merece o seu amor.

EXTRAVIDO

Sofre guidão
da minha vida
desgovernada,
sem rumo
e sem timão,
sem ter tudo,
sem ter nada.

Sem eira nem beira
numa vida perdida.
Num amor sem culpa
e sem perdão.
Numa dor catapultada
com prazer
e com dor
em mistura combinada.

Quer queira ou não queira,
desolado na vastidão
de um universo sem fim,
sem não e sem sim,
sem soluço ou solução.

A POESIA JÁ ERA

Se você aceitar
que a poesia morreu,
que ela já deu tudo
o que tinha de dar,
que o poema se foi
de fininho
e devagar se dissolveu,
talvez dê pra começar
tudo de novo
por outros caminhos
ou pelos mesmos
caminhos de antes,
na maior cara de pau.

ÁLEA

Um lance de dados
jamais abolirá o azar
porque o lance -
ele mesmo -
já é o acaso,
a sorte a esmo.
Portanto, não faço caso
de sempre acertar
o mesmo número.
Sei o que é estratégia,
não sou energúmeno.
Não faço sortilégio,
pois tenho por certo
que o aleatório
é comum no Universo.
Se jogo esperando ganhar
é porque sei perder.
Talvez por isso ainda faça versos.

MEU TODO CRIANÇA

Chavez mora numa barrica
no pátio de uma vila.
As casas pertencem ao Sr. Barriga
que também é o Nhonho.
Dona Florinda é a mãe do Kiko
e se julga linda.
Professor Girafales é a sua paixão.
Chiquinha é filha do seu Madruga.
Para completar, lá mora a bruxa do 71.

Quando a série deixou de ser filmada,
comecei a assisti-la.
Acompanhei-a com meus filhos
e dei muitas gargalhadas.
Muitos anos decorridos,
ainda a vejo com meu neto
como se fosse criança.
Quando me canso,
vejo Chapolim Colorado.

NO TEMPO DA BICICLETA

Minha bicicleta não é Caloi nem Monark.

É uma Philips.

Ela é antiga e pesada
e tem estirpe.

Embora meio descascada,
lustro-a bem lustrada.

Lubrifico os eixos
e cuido dos freios.

Enfeito-a com uma almofada
com franjas no porta-bagagem.

Estou sempre atento às engrenagens.

No guidão, levo flanela.

Considero bela
a minha bicicleta.

Embora cansada,
ela ainda é uma atleta.

MELHOR NADA DIZER

Se você deixar de lado a vaidade
e sua necessidade de autoafirmação;
se abandonar a veleidade de ser poeta;
se perceber que nem você
nem ninguém tem mais nada a dizer;
se você notar que ninguém quer ouvir
ou ler nada que se escreve;
que a poesia acabou e levou o poema consigo;
que eu não consigo
algo dizer, nem você,
então, meu amigo,
esta folha a sua frente vai agradecê-lo
por continuar branca e limpa.

O MISTÉRIO DO TEMPO (BIS)

Tendo sido folheado,
o tempo não volta mais.
Não parece com o rio,
que, correndo ou devagar,
acaba sempre no mar,
é sorvido pelo sol
e se transforma em nuvem
pra voltar ao seu lugar
na forma de água de chuva.

Com o tempo é diferente.
Chegando à última página,
se é que última tem,
não é possível voltar.
Mas acredite na volta.
Tudo bem.

17 ANOS

Eu era infeliz
e não sabia.

SONETO TERMINAL

A poesia não é uma baderna
como podem pensar os que me leram.
Ela e o poema ainda não morreram.
No fundo do túnel, há uma lanterna.

Fiz de conta que eu de nada cuido,
que não há mais lugar para a métrica.
Há sim. Eu a pratico, embora tétrica,
e escrevo soneto, ainda que fluido.

Perfeita ou toante, eu uso a rima.
Os fragmentos, a memória, as ruas
propiciam-me sempre o assunto.

Faço de conta que estou em cima
de um pedestal, vendo mulheres nuas,
pois ainda estou vivo e não defunto.



Essentia
EDITORA

Papel Couché fosco 170g/m² (capa)
Offset 75g/m² (miolo)

Tipologia Hurry Up (capa)
Minya Nouvelle (miolo)

Formato 15,5 x 17,2 cm (com orelhas de 7 cm)

Tiragem 200

Impressão Grafbel Gráfica e Editora Ltda.
Tel.: (22) 2722-5462